

A Invocação Lingüística em Lygia Bojunga Nunes

Dra. Maria Antonieta Antunes Cunha

É por demais sabido que, entre os muitos comportamentos que a escola — como agente de educação sistemática — pretende «ensinar» a seus alunos, um dos mais importantes e enfatizados é o comportamento lingüístico. Não se ignora também o fato de que, para desenvolver tal comportamento, a escola apóia-se sempre em modelos reconhecidos pela elite cultural: a norma culta,¹ sobretudo em sua forma escrita, é o ideal a que se deve chegar, no uso da língua.

Por outro lado, não se desconhecem as vinculações de origem da Literatura Infantil com a pedagogia — vinculações que, infelizmente, grande parte (diríamos mesmo: a esmagadora maioria) da chamada obra literária para crianças reitera ainda hoje. Em suma: a «literatura» para crianças continua a serviço do ensino.

Diante dessas relações, torna-se fácil entender por que a literatura infantil (mesmo a sem aspas) se elabora em termos de padrões cultos de linguagem.

Se, na literatura para adultos, obras que exploram o dialeto inculto ou que privilegiam os recursos da língua oral são perfeitamente aceitas, certamente o mesmo não se daria com relação à literatura infantil. Nesse gênero, o que vemos é um grande número de obras rigorosamente pueris, na concepção, na estrutura, na linguagem, chamadas «literárias» a custo e por extensão, mas escritas num padrão culto de língua.²

Essas considerações iniciais parecem-nos importantes para se poder avaliar a contribuição de Lygia Bojunga Nunes para o redimensionamento das possibilidades de usos da língua na Literatura Infantil.

A obra dessa autora, composta de seis títulos infantis e juvenis, tem sido aplaudida e justamente apreciada em sua originalidade (temática e de concepção), marcada pelo questionamento dos valores burgueses de nossa sociedade, onde se acumulam discriminações de todo tipo.

Gostaríamos, nesse trabalho, de enfatizar a correspondente originalidade na exploração das variações de uso da língua.

A análise de suas seis narrativas mostra-nos como invariante o compromisso de uso da língua portuguesa em suas formas mais «espontâneas» de realização oral e informal.

Com relação ao uso de recursos lingüísticos típicos de realização oral e do registro informal, observa-se em geral nos autores de literatura infantil:

a) Uso de tais recursos nos discursos direto e indireto livre: as «incorrecções» ou não policiamento lingüístico são da responsabilidade das personagens, e não do narrador-autor.

Este mantém um compromisso com a norma culta e com a realização escrita da língua.

b) Tais concessões ocorrem sobretudo no plano lexical, pouco alterando-se o campo morfo-sintático, mais importante — como se sabe — para a caracterização da língua.

Nota-se, portanto, nas obras literárias infantis brasileiras uma nítida distinção entre o discurso do narrador e o das personagens, assim como um aproveitamento apenas parcial da forma oral e informal da língua portuguesa no Brasil.

Em Lygia Bojunga Nunes encontramos situação bastante diferente. Em todas as suas obras³ percebe-se a oralidade e um registro informal (ou «código restrito», segundo Bernstein) como característicos não só dos discursos direto e indireto livre, como também da própria fala do narrador.

Assim, na análise de suas obras:

a) Não encontraremos distinções, quanto ao grau de formalidade de discursos, entre as falas das personagens e as do narrador, que não pode ser identificado como criança ou como pessoa inculta. (De suas obras, apenas *A bolsa amarela* é narrada em 1ª. pessoa e tem como narradora uma criança).

b) Observaremos a oralidade e o registro informal evidenciados tanto no plano lexical quanto no morfo-sintático.

Tendo em vista que vários autores utilizam recursos de língua oral e informal ao nível lexical e nos discursos direto e indireto livre, procuraremos evidenciar as peculiaridades de Lygia Bojunga Nunes, ao nível do narrador e no plano morfo-sintático. Uma vez que *A bolsa amarela* tem como narrador uma criança, não apresentaremos exemplos extraídos dessa obra, a não ser esporadicamente.⁴

1. EMPREGO DE FORMAS VERBAIS

a) Sabemos que, entre formas verbais equivalentes, a língua portuguesa, em sua realização oral e descontraída, prefere as formas compostas às simples. Seguindo tal tendência, observamos em Lygia Bojunga Nunes:

* Ausência total das formas simples do futuro. O futuro do presente (que forçosamente aparecerá nos discursos diretos) será substituído pelo presente do indicativo ou por locução verbal (ir + infinitivo).

«— Não vai dar pé, ninguém vai acreditar que você é dono deles. Mesmo com paletó e gravata você vai continuar com toda a pinta de coelho sem família». (C., 37).

O futuro do pretérito (já presente no discurso do narrador) é substituído pela locução anterior, com o auxiliar no imperfeito, obviamente.

«A fome cavava um buraco cada vez maior. Porto viu que também não ia conseguir ser engenheiro». (A., 23).

«E o bom daquele sonho é que ela ia acordar e ver que tudo que tinha sonhado continuava a ser verdade». (C., 81).

Enquanto não há um só exemplo de formas simples de futuro expressando idéia de futuro, elas aparecem, mesmo no discurso direto, com outros valores, na tradução sobretudo da dúvida, da especulação.

«Eu ia respondendo e pensando: será que elas acham que falando comigo do mesmo jeito que eles falam um com o outro eu não vou entender? por que será que eles botam tanto inho em tudo e falam com essa voz meio bobalhona, voz de criancinha que nem eles dizem?» (BA., 64).

* Ausência total (nem um exemplo) do pretérito mais-que-perfeito simples.

«Acabou pegando no sono e quando acordou de manhã a Vó já tinha ido embora». (SE., 54).

«Tinham se encontrado pela primeira vez revirando a mesma lata do lixo». (C., 9).

b) Tendência a evitar formas do subjuntivo.

Essa tendência observa-se, já no discurso direto, na expressão da idéia imperativa: a 3a. pessoa (você/vocês e equivalentes) apresenta tal idéia através do indicativo presente.

«— Pepa a mangueira aí!

— Desenrola!

— Engata naquele torneira!

— Abre a torneira todinha! (C., 65).

A situação não se altera com a negação.

— Fica triste, não — disse Latinha». (C., 19).

(Observe-se a supressão da negativa que antecederia o verbo — recurso típico da realização oral).

Para a 1a. pessoa do plural, a idéia imperativa aparece através de locução verbal: (VAMOS + INFINITIVO).

«Pai: vamos pensar outro nome pra ela.

Então vamos começar a andar de um lado pra outro». (A, 52).

No discurso indireto, a ordem expressa em oração subordinada não aparece em subjuntivo.

«Nem respondeu ao cumprimento dos dois, e quando ouviu a mulher pedir pras visitas se sentarem foi logo berrando:» (A., 71).

O não uso do subjuntivo parece também definir o tipo de conetivo a ser empregado na introdução da oração subordinada. A autora utiliza:

* **Preposição** (seguida — evidentemente — de infinitivo), se a conjunção exigisse subjuntivo.

«Gritaram juntos, sem querer pensar em mais nada». (C., 23).

«Foi preciso fazer pipi na bota engraxada de um dos guardas pra levarem ela presa». (C., 5).

* **Conjunção**, quando esta rege indicativo.

«Quando tiraram do bolso o conselho dos exercícios vocais, encontraram as belíssimas penas de avestruz que Voz de Cristal tinha posto lá dentro disfarçadamente». (C., 84).

«Maria começou a somar as frações. Resolvendo que só ia pensar no menor múltiplo e mais nada». (CB., 55).

No caso de subordinadas substantivas não preposicionadas (sobretudo subjetivas e objetivas diretas), o critério da autora é o mesmo: preferência pela forma reduzida sempre que a conjunção exigisse emprego de subjuntivo. Os exemplos anteriores atestam isso. Outro exemplo:

«Aquela interrupção fez Latinha perder o fio do que estava falando». (C., 85).

2. EMPREGO DE PRONOMES

a) substituição do pronome nós por a gente.

«Ficou olhando a cara dele na água do jeito que a gente olha uma coisa que não gosta; ficou olhando o nó cego que tinha no rabo achando que nunca — nunca mais — ia poder desmanchar». (A., 14).

«Ninguém tinha ensinado Porto a desenhar, mas a gente é assim mesmo: tem coisas que a gente já nasce sabendo». (A., 42).

(Tal substituição não fica muito comprovada na fala do narrador porque nela situações para o uso do nós são raras. Nos 5 casos em que seria usado, foi substituído).

É interessante observar que o sujeito de 1a. pessoa do plural (explicitado pela forma verbal) no discurso direto marca um grau de formalidade e tem a função de criar antipatia pela personagem. Quem o emprega é a girafa, noiva do Voz de Cristal:

«E a girafa continuou:

— Não somos vagabundos e gostamos muito de trabalhar aqui porque nos tratam muito bem. Comemos na hora certa. Dormimos na hora certa. Passeamos na hora certa. Casamos na hora certa. Não pretendo nunca sair daqui. E o meu noivo também não». (C., 77).

Essa fala opõe-se radicalmente à do final capítulo:

«E já no portão, Virinha resolveu:

— Daqui a uns tempos a gente precisa voltar aqui pra ver se o Voz de Cristal teve urso ou girafa». (C., 77).

b) Emprego do pronome pessoal reto com função objetiva

«Levaram ele a uma porção de médicos». (SE., 33).

«Maria desenrolou um pedaço de corda (era fina, de náilon), experimentou ela no dedo, alisou-alisou, espiou ela bem de perto, experimentou ela no pé. (CB., 15).

Tal uso é observado ainda quando a forma objetiva do pronome tem função de sujeito de infinitivo.

c) Elipse do pronome reflexivo com verbos pronominais.

«— Pronto, era só isso. — Sentou. (A., 90).

«... e lembrava de um outro hipopótamo que um dia tinha passado por lá pedindo um prato de comida». (SE., 106).

d) Uso sistemático da próclise, mesmo no início da oração, e do pronome oblíquo desligado entre dois verbos.

Não há nenhum caso de mesóclise e apenas um exemplo de ênclise.

«Se enfiou na roupa, botou o chapéu e saiu pra passear». (A., 18).

«Se virou pra ver se encontrava mais coisa no chão, tomou um susto danado». (CM., 14).

«E com um puxão mais forte conseguiu se soltar». (C., 33).

O único emprego de ênclise é observado numa forma fixa, e usado sempre pela mesma personagem: o Jota, que não admite discussão.

«— Já disse que esse pedaço do mundo é meu, pronto, acabou-se!» (A., 70).

3. EMPREGO DE SILEPSES TÍPICAS DA REALIZAÇÃO ORAL EM REGISTRO INFORMAL

«O resto do pessoal achou aquele jeito dos dois muito esquisito, mas pensaram que eles estavam comovidos e resolveram deixar pra lá». (A., 92).

«Mas o pessoal olhou pra ele de lado, responderam um oi sério e pequenininho, e no recreio ninguém enturmou com ele». (A. 11).

4. USO SISTEMÁTICO DA COMBINAÇÃO DA PREPOSIÇÃO E DO ARTIGO INTRODUTOR DO SUJEITO

«Chegava então a vez dos músicos se exibirem». (C., 31).

«Mas em vez da lembrança entrar na cabeça feito um desenho, entou no coração feito um medo, e o Vítor sentiu uma dor». (SE., 87).

5. SUBSTITUIÇÃO SISTEMÁTICA DO «HAVER» EXISTENCIAL POR «TER».

«Tinha um monte de coisas lá dentro, e tinha um bruto rolo de corda em cima de uma prateleira». (CB., 15).

«Teve uma moça que começou a se chamar Porta; e teve um moço que, na pressa de copiar, se atrapalhou no T e acabou fazendo um C, ficou sendo Porco». (A., 18).

O verbo *haver* só aparece em formas praticamente fixas, indicando tempo decorrido.

«Tinha chegado ali no rio há muito tempo, num mês de fevereiro um bocado quente». (A., 70).

6. ORGANIZAÇÃO POUCO COMPLEXA DO PERÍODO

Há em Lygia Bojunga Nunes a tendência para a estrutura frasal pouco complexa. É grande a incidência de períodos simples. No período composto, há a preferência pela parataxe.

«A vó de Vítor tirou as coisas da mochila e passou tudo pra mala. Depois do casamento eles foram viajar. E tiveram cinco filhos». (SE., 50).

«Alexandre foi pra junto dela; pegou o outro pedaço de giz e foi desenhando também. Uma casa. Uma árvore. Uma onda no mar». (CM., 80).

Nos períodos compostos por subordinação, as tendências já foram analisadas, no comentário sobre a pouca frequência do subjuntivo.

Nas orações subordinadas, observa-se a tendência para a omissão da preposição exigida pela regência.

«Eles tinham quase certeza que o crocodilo não ia aparecer». (A., 78).

«E no dia que a Vó chegou ele ficou zanzando na floresta até de noite de anto que não queria se engasgar na hora de falar com a Vó». (SE., 51).

7. SIMPLIFICAÇÕES MORFO-FONÉMICAS

a) A preposição **para**, presente em vários exemplos já apresentados, aparece sempre em forma simplificada e, quando seguida de artigo definido, combinada com ele.

«A turma olhou pro alto». (C., 76).

«Voltava pra casa com um monte de histórias pra contar». (SE., 49).

a) O verbo **estar** apresenta sempre a forma simplificada, com a queda da sílaba inicial.

«E o pessoal tá continuando a gritar:

— Chama a carrocinha! (C., 80).

«Voltam correndo: tá na hora de vestir a fantasia». (C., 28).

8. ALTO ÍNDICE DE USO DO GRAU, COM AS MAIS VARIADAS OPÇÕES DO REGISTRO INFORMAL E DA FORMA ORAL.

a) O grau dos adjetivos:

* A comparação é feita preferentemente com o nexos **que nem**; **feito** (coisa) é usado algumas vezes; como é raríssimo.

«Foi o porco sair que o coração desatou a bater que nem louco». (A., 15).

«Ela vinha de mão escondida no bolso, e volta e meia chutava de leve a ponta da saia feito coisa que estava abrindo caminho». (SE., 65).

«E a pata sentiu igualzinho feito no tempo de criança». (SE., 128).

* O **superlativo** tem formas extremamente variadas, com toda a gama de recursos da linguagem afetiva. A riqueza desse aspecto é tal que sobre esse assunto acabamos de escrever uma tese. Citaremos apenas alguns dos processos mais constantes da autora e nem sempre relacionados pela gramática.

«Só parou quando viu uma fila comprida à beça». (A., 19).

«Achou tudo bom e lindo de morrer». (C., 17).

«Voz de Cristal estava um bocado comovido». (C., 99).

«Estava feliz que só vendo». (A., 16).

«E respondia de cabeça erguida e olho aberto. Sem piscar. Os dentes trincados. A cara tão fechada que nem chave de fenda abria». (C., 58).

«Flor anda afinadinha que só vendo, e Virinha e Latinha têm feito cada samba bom mesmo». (C., 21).

«O dia estava lavadinho e novo em folha». (C., 58).

«Maria ouviu o grito, sentiu o coração batendo forte, e aí foi pulando num pé só, uma perna esticada pra trás, pulando bem grande, coisa que era difícil toda a vida de fazer». (CB., 17).

«Passou um bocado de tempo até a peça ficar pronta, mas no dia que ficou Porto e Angélica quase estouraram de contentes». (A., 44).

Em alguns casos, o superlativo é usado com adjetivos cuja semântica não permitiria tal emprego:

«Aí começou uma vida muito difícil pra Vó do Vítor, tão sozinha e tão cheia de cinco filhos pra educar». (SE., 50).

«Uma noite assim tão cheia da falta de coisas custou bastante pra chegar». (A., 15).

b) A intensificação da ação é obtida basicamente através do mesmo processo superlativo e hiperbólico.

«Mas Porto nem pôde responder porque estava quase rebentando de tanta vontade de rir». (A., 82).

«E se Cara-de-pau não tivesse a cara fechada daquele jeito, também ia morrer de tanto rir». (C., 40).

«Naquela hora, a girafa só faltou morrer de tanto fechar a cara». (C., 84).

«... e a orelha da Dona Popô tremeu que só vendo». (SE., 134).

c) O grau dos substantivos.

Usado também em larga escala, o grau do substantivo tem empregos bastante originais.

* O diminutivo é freqüentemente reforçado de diversos modos.

«Flor dava uma paradinha ligeira pra ver de onde tinha vindo o elogio, jogava pra lá um beijo, voltava a rodopiar». (C., 29).

«Eu também queria falar uma coisa. É uma coisinha pequena mas muito importante pra mim». (A., 92).

«Um burquinho de nada». (C., 78).

Com o diminutivo, consegue mesmo situações cômicas: Canarinho é um elefante bastante grande.

* O aumentativo, também com recursos especiais, mostra sobretudo a substituição do adjetivo grande, nas formas analíticas.

«E se continuavam reclamando ele armava um barulho daqueles». (A., 70).

«Agora a manhã já vai alta, e o carnaval — impaciente — faz um barulho danado lá fora». (C., 27).

«... e lá encontraram o Ursíssimo Voz de Cristal. Ursíssimo porque era enorme. Voz de Cristal porque tinha uma voz fininha que nem uma agulha». (C., 14).

9. ALTA FREQUÊNCIA DA EXPRESSÃO EXPLETIVA É QUE E DA DUPLICAÇÃO QUE QUE INTERROGATIVA.

«Começaram logo a combinar como é que iam fazer pra arrumar a fantasia e acabaram chegando à mesma conclusão». (C., 23).

«Ele ainda era bem pequeno, não sabia como é que se vivia, andava louco pra saber melhor; pensou um bocado, acabou perguntando:» (A., 9).

«E acabou ficando tão aliviado do colega não perguntar onde é que a escada ia dar, que no fim acabou dizendo:» (SE., 40).

«O pai ficou sem saber o que que fazia, de repente resolveu:» (SE., 78).

10. USO FREQUENTE DE «TERMOS VISUALIZADORES», (ligados à mímica da comunicação oral e informal).

«E foram logo contando para o amigo os túneis que tinham feito, os túneis que estavam fazendo, os túneis que iam fazer, os estudos que ainda faziam de túneis, as encomendas que tinham de túneis, e contaram como já estavam por aqui de túneis». (C., 62).

«E quando revelou o plano que tinha, os tatuzinhos Garcia arregalaram cada olho desse tamanho». (C., 62).

«A mãe arregalou cada olho assim». (SE., 77).

Todos esses usos sistemáticos na obra de Lygia Bojunga Nunes (e não esporádicos, como em outros autores) propõem-nos pelo menos duas questões importantes:

1 — Há uma total desvinculação entre a literatura e uma específica norma lingüística. A linguagem literária não se identifica por um uso determinado da língua, mas se realiza em qualquer das variações lingüísticas. Não sendo sempre desvio de norma (cult) lingüística, não é também sua aceitação. É outra coisa, pelo que utiliza o sistema lingüístico, fazendo nele os recortes de interesse da arte, apoiando-se em qualquer dialeto, realização e registro de sua conveniência.

2 — A aceitação incondicional dos padrões de correção idiomática ditados pela norma culta é mais um indicador da pressão do poder exercida pela elite econômica e, conseqüentemente, cultural, em especial sobre a criança, a quem o adulto procura conformar através da imposição de normas rígidas de comportamento social, inclusive o lingüístico.

Lygia Bojunga Nunes, ao (ou para) questionar a ideologia burguesa, opta pelo uso da língua em suas formas mais genuínas e menos valorizadas. E põe por terra o (pre)conceito de que a língua da classe dominante é a única geradora do discurso literário.

O sucesso da autora repousa também — certamente — nessa opção lingüística.

NOTAS

1. Diante da dificuldade de, até o momento, caracterizar a norma culta, para cujo levantamento há muito trabalha uma equipe de especialistas, estamos considerando como traços característicos de tal norma os fatos insistentemente ensinados nas gramáticas normativas (ainda que entre elas também se observem desacordos).
2. Por isso não concordamos com a professora Flávia Silveira Lobo que, num artigo bastante interessante, considera como bastante viável o uso de uma «língua brasileira» na obra literária infantil, uma vez que esta não é «vigiada», pelo pouco valor a ela atribuído. A falta de policiamento, em nossa opinião, só se observa na qualidade artística, mas se exerce poderosamente no tocante à correção idiomática. Cf. LOBO, Flávia Silveira. *Afinal, que língua é essa?* Rev. Bras. Est. Pedag. Brasília, V. 61 n° 141, jan/abril de 1978).
3. Para facilitar a leitura, ao fim de cada citação, indicamos segundo convenção abaixo o título da obra e o número da página da citação.

As edições consultadas estão indicadas na bibliografia.

C — Os Colegas

A — Angélica

BA — A Bolsa Amarela

CM — A Casa da Madrinha

CB — Corda Bamba

SE — O Sofá Estampado

4. Devido à natureza deste trabalho, não indicaremos em números a frequência de cada fato lingüístico. Apresentaremos, apenas, alguns exemplos. Contudo, os fatos que relacionamos são tão sistemáticos que a exemplificação de um deles reforçará a de outros. Por outro lado, cumpre lembrar que escolhemos alguns aspectos lingüísticos, entre muitos relevantes, na consideração da exploração literária da realização oral e da fala informal. Em trabalho mais extenso, outros são apresentados.

OBRAS DA AUTORA

- NUNES, Lygia Bojunga. *Os Colegas*. 2a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- . *A Bolsa Amarela*. Rio de Janeiro, Agir, 1976.
- . *Angélica*. 2a. ed., Rio de Janeiro, Agir, 1977.
- . *A Casa da Madrinha*. Rio de Janeiro, Agir, 1978.
- . *Corda Bamba*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
- . *O Sofá Estampado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.